sandowane

estórias que vêm do chão

paulina chiziane

editora CAULE DE PAPIRO®

sandowane

estórias que vem do chão

Paulina Chiziane

sandowane
estórias que vem do chão

Tânia Lima
Izabel Nascimento
(orgs.)

Coleção Griots

editora CAULE DE PAPIRO®
Natal, 2023

Editora | *Abdoul Hadi Savadogo (Burkina Faso)*
Alberto Mathe (Moçambique)
Conselho Científico | *Ana Paula Tavares (Angola)*
Anória Oliveira (UNEB)
Assunção Sousa (UESPI)
Carlos Suhuhana (Moçambique)
Carmen Lúcia Tindó Secco (UFRJ)
Cremildo Bahule (Moçambique)
Daniela Galdino (UNEB)
Derivaldo dos Santos (UFRN)
Dionísio Bahule (Moçambique)
Elio Ferreira (UESPI)
Enilce Albergaria (Toulouse)
Francois Weigel (UFRJ)
Francy Silva (UFPB)
Izabel Cristina dos Santos Teixeira (UNILAB)
Izabel Nascimento (UFRN)
Iris Amâncio (UFF)
João Paulo Pinto Có (Guiné- Bissau)
Luis Tomás Domingos (Moçambique)
Marta Aparecida Gonçalves (UFRN)
Nazareth Fonseca (PUC - Minas)
Nilma Lino Gomes (UFMG)
Roland Walter (UFPE)
Sávio Freitas (UFPB)
Sebastião Marques (UERN)
Tânia Lima (UFRN)
Terezinha Taborda (PUC Minas)
Rita Chaves (USP)
Vanessa Ribeiro (UFRJ)
Vanessa Riambau (UFPB)
Zuleide Duarte (UEPB)

Revisão | *Prof. Dr. Alberto Mathe*

Imagem da capa | *Marcela Bonfim*

Projeto gráfico e Diagramação eletrônica | *Caule de Papiro*

editora CAULE DE PAPIRO®

Catalogação da Publicação na Fonte.
Bibliotecária/Documentarista:
Rosa Milena dos Santos - CRB 15/847

C543s Chiziane, Paulina.

Sandowane: estórias que vêm do chão [recurso eletrônico] / Paulina Chiziane; Tânia Lima; Izabel Nascimento (Orgs.). – Natal: Caule de Papiro, 2023.

95 p. : il.

ISBN 978-65-5477-020-0 - LIVRO VIRTUAL

1. Crônicas. 2. Crônicas africanas. 3. Mulheres e literatura – Moçambique. I. Lima, Tânia. II. Nascimento, Izabel. III. Título.

RN CDU 82-94

Caule de Papiro gráfica e editora
Rua Serra do Mel, 7989, Cidade Satélite
Pitimbu | 59.068-170 | Natal/RN | Brasil
Telefone: 55 84 3218 4626
www.cauledepapiro.com.br

Dedicamos esta
Estória que veio do
chão às mulheres de
Moçambique.

Comparo a mulher à terra, porque lá é o centro da vida. Da mulher emana a força mágica da criação. Ela é abrigo no período de gestação. É alimento no princípio de todas as vidas. Ela é prazer, calor, conforto de todos os seres humanos na superfície da Terra.

(Paulina Chiziane, *in* Eu mulher, 2018)

sumário

apresentação ...12

sandowane ... 17

intervenientes ... 19

primeiro acto ... 20

segundo acto ... 69

último acto ... 92

apresentação

Estórias que vêm do chão

Profa. Dra. Tânia Lima

Profa. Dra. Izabel Nascimento

UFRN – Nordeste – Brasil

Em 2018, a escritora Paulina Chiziane esteve, aqui, no Rio Grande do Norte, narrando "estórias" na cerimônia de abertura do IV Griots – *Congresso internacional de Literaturas e Culturas Africanas – UFRN*. Tempos depois dali, em 2019, recebemos das mãos de Chiziane a inédita estória *Sandowane*, abrindo a "Coleção Griots" de Literatura, que somente agora vem a público.

Sandowane – estórias que vêm do chão – é um livro enfeitiçado, nasce no solo sagrado da dicção feminina da literatura moçambicana. Essas memórias que vêm do chão falam a partir de mulheres que desafiam a tradição do período colonial e do pós-independência. A trajetória de

Nairosse, Lucília e Dulce está entrelaçada à profecia do mito popular da serpente Sandowane. Um mito que atravessa Moçambique de Rovuma até Maputo.

Sandowane toca os rituais de feitiçaria, arrasta-se no chão feito um desenho da memória ancestral. A serpente rasteja em círculos sagrados onde o mito da cobra representa o caos aparente, aquilo que não foi manifestado ainda; talvez por isso seja tão representativa no ritual de passagem do corpóreo ao etéreo, do fogo à água, da terra ao ar.

Em uma combinação dupla, o mito da serpente acompanha o reino das águas e da terra. No terreiro de Candomblé, o orixá serpentário Oxumaré é um tipo de cobra de dois sexos, em seis meses é cobra e em seis meses é mulher. Esse tipo de divindade vem simbolizada no formato de arco-íris ou de uma serpente que representa o poder, a riqueza e a dualidade identitária.

Em um tipo de natureza enxertada de enigmas, se pensarmos o que diz a simbologia do mito das serpentes e dos escorpiões no oráculo chinês, veremos que a água é carta que decifra as águias, os escorpiões, as serpentes. Do outro lado, no mapa da astrologia, o escorpião é símbolo que carrega a vida e a morte na hombridade do mistério. A simples picada venenosa de um escorpião traduz o rito de passagem de uma vida terrena medíocre, distanciada da espiritualizada. No livro *Sandowane,* os personagens que são picados pelo veneno de um escorpião, a exemplo de Joaquim e Lukanda, são personagens secundários, ambos são movidos pelo legado do poder e do patriarcado. Vale relembrar que na didática do colonizador, só interessa a história única do vencedor.

Em passagens do livro *Estórias que vêm do chão*, Gamazili alerta: – "Porque serpente é cobra e a cobra é a maior guardiã da natureza. De todos os animais da natureza é a mais perfeita. Rastejante. Navegante. Aérea. Ágil. Tem no corpo a fluidez das águas. Vive em todo o lugar. No mais profundo dos mares ou dos rios. Nos subterrâneos mais medonhos. Nas cavernas das montanhas. Nos pântanos. Nos solos áridos dos desertos. Sobre os ramos das árvores mais altas das florestas. Silenciosa, inteligente, ela aparece onde ninguém espera. Assusta e protege".

Em Chiziane, a narrativa carrega a voz da natureza do mito Sandowane para contar a saga de mulheres-serpente na pele de mulheres pretas e brancas. Resgatar o mito Sandowane é pôr em evidência essas práticas coletivas de uma humanidade que atravessa o universo da contação para decifrar aquilo que os seres humanos fizeram de si mesmos. Dizer sobre um mito é anunciar o que se passou, além do que já foi profetizado em Moçambique sobre a lenda de Sandowane, pois uma vez narrado, ou melhor, revelado, o mito funda uma memória que que se enfeitiça de verdade e se torna verdadeira.

Em uma narrativa que anda de forma circular, onde as histórias se repetem, em que tudo parece andar a passos lentos, ora para frente, ora para trás, mas, que no sopro da vida, a voz ancestral aparece e desaparece com um tipo de crítica apontada ao machismo, racismo, misoginia, como destaca no final da narrativa: "Somos todas sandowanes! Nós mulheres somos atiradas aos subterrâneos do mundo. Tal como as serpentes, cabras ou ratos, resistimos. Sobrevivemos na aridez

do deserto. Nas águas poluídas dos rios e dos pântanos. Nas florestas medonhas. Velamos pela existência, poderosas guardiãs da vida. Diante da injustiça, a inteligência e a astúcia nos salvam".

O roteiro escrito pela voz de uma contadeira insubmissa, com aquele sotaque sagrado de uma língua chamada Chiziane, tecida por uma gramática africana, com ritmo de tambores e pausas cheias de oralituras, exige de quem escuta uma revisão histórica daquelas mulheres que (apesar de) sobrevivem à sina de seus próprios abismos. "Voemos para a liberdade com as asas das nossas almas. Nós dominamos os segredos do chão e da criação enquanto os poderosos querem dominar os intangíveis segredos das estrelas".

sandowane

Inspirado no mito popular que atravessa o país inteiro do Rovuma ao Maputo, temos aqui a história da Sandowane, a deusa da fortuna. Para uns Sandowane é uma cobra ou serpente, para outros uma cabra, rato ou lagarto. Todos são unânimes em afirmar que é metade animal e metade mulher, rosto de divina formosura, com grandes cabelos cacheados, e que deixa um rasto de sangue por onde passa. Dizem que transforma: por vezes invisível, como o vento. Agradável e perfumada como a flor branca dos campos. Quando entende transforma-se numa mulher comum penteando os cabelos à beira do rio. Dá muita riqueza e maldição a quem tem a sorte ou azar de a encontrar.

O primeiro acto decorre nos anos 60, durante o período colonial português, tempo em que os casamentos entre negros e brancos não eram permitidos por lei. O segundo acto decorre em 1975. Com a independência de Moçambique, invertem-se os preconceitos raciais. É o homem negro que rejeita a mulher branca, apesar das leis permitirem a união entre as raças.

A história desenrola-se na província de Tete, nas margens do rio Zambeze, na região montanhosa de Songo, perto da Hidroelétrica de Cahora Bassa.

intervenientes

1. NAIROSSE – Esposa negra do Joaquim.

2. JOAQUIM –Um aventureiro que andava à procura das minas de ouro, no vale do rio Zambeze, que se tornou branco marido da Nairrosse.

3. LUKANDA – Irmão mais novo da Nairosse.

4. GAMAZILI – Uma empregada doméstica, servindo em casa do Joaquim.

5. DONA LUCÍLIA – Esposa branca do Joaquim.

6. FERNANDO – Um apaixonado pela Dona Lucília.

7. PADRE

8. DULCE

primeiro acto

CENA 1

Intervenientes: Lukanda e Gamazili.

Uma mulher branca, vestida a rigor, com vestes das rainhas antigas, caminha cantarolando pelas ruelas do vilarejo de Songo nas cercanias da casa de Joaquim. Os brancos residentes na vila saem de casa para saudá-la, enquanto os negros se escondem nas matas para a contemplar, admirar e tecer comentários maliciosos.

LUKANDA – É ela. É ela a nova mulher do patrão Joaquim. É ela que vai substituir a minha irmã Nairossi. Meu Deus, como ela é bela, como é branca! Tem a pele branquinha como a casca de um ovo.

GAMAZILI – Ainda não apanhou sol. Vais ver que daqui a pouco ela muda.

LUKANDA – Usa luvas brancas, branquíssimas!

GAMAZILI – Para esconder os seus braços de preguiçosa, isso sim.

LUKANDA – Como é que sabes?

GAMAZILI – Isso pergunta-se? Não vês? Como pode alguém pegar na enxada com aqueles panos a cobrir as mãos? Como é que vai cozinhar?

LUKANDA – És maliciosa, invejosa, Gamazili. Meu Deus, como ela é linda! Chama-se Lucília. Que nome bonito!

GAMAZILI – Achas? Não me parece!

LUKANDA – Tem cá umas botas!

GAMAZILI – Para se proteger das cobras. É o costume desses brancos quando acabam de chegar nas nossas terras. Despois vai despir aquilo tudo, vais ver.

LUKANDA – Mas por que usa saias tão rodadas e tão compridas com este calor?

GAMAZILI – É o velho truque das mulheres, amigo. É para simular as curvas que não tem. Para mim ela é como as cebolas. Podes despi-la peça a peça e não encontrar caroço nenhum. Vais ver que, depois de despida, tem pernas de pau, só pele e osso.

LUKANDA – Osso sem tutano. *(risos)*

GAMAZILI – Chega de mexericos, Lukanda. Pare com as más línguas e vamos ao trabalho.

LUKANDA – Escuta a bela voz quando ela canta!

GAMAZILI – Voz de pintainho desafinado, isso sim. Está a pavonear-se com guarda-sol como dona do mundo. Pudera! Destronou a Nairosse no seu território.

LUKANDA – Ah, minha pobre Nairosse. Enxotada da própria casa como uma criminosa. Casa que ela ajudou a construir. Agora é colocada nos compartimentos dos trabalhadores dos currais!

GAMAZILI – É o destino de nós negros. Os brancos chegam e nos tiram tudo. Quem faz bem, ganha o inferno.

LUKANDA – Ah, mas como ela é linda!

GAMAZILI – Hei, Lukanda, acorda! Porque suspiras quando falas dela? Será amor à primeira vista?

LUKANDA – Amor? Pode um negro amar uma branca? Não, não sou louco. Muitos homens daqui foram espancados e condenados à deportação acusados de terem apenas olhado para a mulher branca. O meu tio foi um deles. Foi levado e nunca mais voltou.

GAMAZILI – Ainda bem que sabes. Aqui a lei é: um homem negro deve baixar os olhos quando a mulher branca passa. Entendido?

CENA 2

Intervenientes: Nairossi e Joaquim.

Anoiteceu. Nairossi está na cabana para onde foi enxotada. O Joaquim foi visitá-la.

JOAQUIM – Ah, Nairossi, minha Naira! Estavas a chorar?

NAIROSSE – O que te traz aqui, a estas horas? Vens expiar a minha desgraça? O que queres de mim?

JOAQUIM – Quero a felicidade de estar contigo esta noite. É a minha despedida de solteiro.

NAIROSSE – E a tua nova mulher? Não me deixaste a mim por causa dela? Queres deixá-la sozinha?

JOAQUIM – Esta noite ela dorme em casa da madrinha. Só poderei despi-la depois do casamento. Não posso tocar nela agora porque é pecado.

NAIROSSE – Que pecado? Ah, a cultura dos brancos tem coisas estranhas. Porque precisas tu, da autorização de um padre, para amar uma mulher? Queres amor sagrado com ela e comigo

o amor de pecado, não é? Isso não vai acontecer. Adeus meu querido, neste meu corpo ardente não tocarás nem mais um dia. Esquece-me.

JOAQUIM – Ter-te-ei sempre que eu quiser, sabes disso.

NAIROSSE – E se resistir?

JOAQUIM – Cuidado com língua, minha negra. O branco manda e o negro obedece. Resistir? Eu agora sou o dono de tudo isto. Sou poderoso! Posso mandar-te espancar. Mandar-te matar. Posso até deportar-te para uma das plantações do palmar da Zambézia, se me tentares afrontar, Nairosse.

NAIROSSE – Manda-me então para as plantações e manda-me agora, porque me metes nojo.

JOAQUIM – Tu serás sempre a minha concubina, ou mato-te.

NAIROSSE – De acordo. Se não me matas tu, a tua mulher o fará. Nós negras aceitamos partilhar um marido, mas mulher branca é ciumenta demais e não aceitará dividir o marido com uma concubina negra.

JOAQUIM – Submetê-la-ei. Obrigá-la-ei a aceitar a tua existência.

NAIROSSE – Não é preciso torturá-la por minha causa. Quanto a mim, não submeterás. Desaparecerei para sempre da tua vida. Mas digo-te: de ti eu hei-de me rir, verás. O último a rir, ri melhor.

JOAQUIM – Ouve: os homens negros têm todas as mulheres que querem. Até o velho desdentado casa-se pela milésima vez com uma donzela virgem. Pensas que não sou homem como eles? Porque queres tu ser diferente das mulheres da tua terra?

NAIROSSE – Não vês que sou diferente? Fiz de ti um homem rico. Poderoso. Temido. Renasceste de mim. Tu serás meu e só meu, mesmo que te cases com outra da tua raça.

JOAQUIM – O que dá tanta certeza de que serei só teu? Olha que a bruxaria de preto não faz efeito no branco.

NAIROSSE – Não brinques comigo, homem. Eu é que fiz de ti alguém e sem mim não serás ninguém. Tu só vês o que está a um palmo do teu nariz. Eu vejo longe! Os meus olhos conhecem os segredos do infinito.

JOAQUIM – Não me assustas mais com essas fantasias. Acreditava nelas, mas, graças a Deus, o padre libertou-me dessas superstições. Que o diabo te carregue com as tuas bruxarias até ao mais profundo dos infernos.

NAIROSSE – Vou para o diabo, sim e irei contigo.

JOAQUIM – Vais arrastar-me? Como?

NAIROSSE – Julgas-te senhor? Ah, como te enganas! Não desafia o meu poder, não. Desafiei o mundo inteiro para fazer de ti o homem que és. Violentei a minha família. Insultei o meu pai. Esbofeteei a minha mãe. Usei toda a minha sabedoria para te elevar e até ao altar da Sandowane

te fiz chegar, para tomares posse dos inacessíveis segredos da nossa tradição. Como ousas tu trocar-me por outra, depois de tudo o que fiz por ti?

JOAQUIM – Não me fizeste favor nenhum. Interessada estavas tu em ter um marido branco. Sorte tiveste tu de pescar-me no rio. Tens filhos diferentes. Uma vida diferente. Se não fosse eu, jamais saberias o que é uma vida civilizada. És a mulher negra mais respeitada nesta terra, por seres a mulher do branco. Conheces a igreja e até frequentavas a casa do administrador. Sem mim, tu serias uma camponesa anónima apesar das tuas sabedorias ocultas.

NAIROSSE – Roubaste a minha alma que um dia serás obrigado a devolver. Devolve-me todo o amor e as alegrias que te dei em cada noite.

JOAQUIM – Não sei como te suportei todo este tempo. Não sei como foi possível, eu, branco, civilizado, aceitar que me desses aqueles banhos sujos, misturados com ervas, areias e sangue de bichos do mato. Mas tenho que reconhecer a verdade: naquele dia aconteceu o milagre. Chegamos ao ponto mais alto do monte e encontramos a relíquia da tua tribo. O crânio dourado foi-me entregue pelas mãos da Sandowane. Foi um momento inesquecível. Fiquei rico num só instante. Mas a partir de agora, tudo isso é pedra, coisa morta. Reconheço o teu poder, sim, mas vou casar-me com a Lucília e pronto!

NAIROSSE – Se reconheces o meu poder, porque me desprezas?

JOAQUIM – Por causa do meu estatuto. Fui nomeado governador das terras ao norte do rio Zambeze. Um governador tem que ser casado e a lei não permite que um branco se case com uma negra, que posso eu fazer? De resto, tens a fama de bruxa que pode prejudicar a minha carreira política.

NAIROSSE – Lamento, meu Joaquim. Vais atrair a maldição, por ambição e falta de gratidão.

JOAQUIM – Já ouviste os mexericos do padre? Ele aconselha a toda a gente a afastar-se de ti. Detesta-te.

NAIRROSSE – De que padre falas tu, se aqui só há um? Este daqui não me detesta não. Passou a noite de ontem a consolar-me. Foi mesmo bom.

JOAQUIM – O quê? Desde quando ele te visita?

NAIROSSE – Desde sempre. Ele tem comigo uma dívida de vida. Ensinei-lhe a dançar na cama. Curei-lhe da doença disciplinar que apanhou quando andava por aí a evangelizar as viúvas da aldeia. Ensinei-lhe a preparar os banhos preventivos depois das suas andanças malandras, no mulherio da terra.

JOAQUIM – Ah, cala essa boca mentirosa! Com um médico bom aqui na região, haveria o padre de preferir uma bruxa? Por favor, não profanes o nome desse homem casto.

NAIROSSE – Casto ele é, castrado é que não. Não podia ir ao médico para não denunciar a malandragem. Olha que a gonorreia é doença de macho forte que cavalga o mundo sem a menor disciplina.

JOAQUIM – Não acredito no que estou a ouvir. De toda a forma, a partir de hoje, proíbo-te de voltar a falar com o padre.

NAIROSSE – Tens algum poder para isso? Não, não tens. O padre tem mais poder do que tu, nestas terras. Ele adora-me e só não me pode pedir em casamento, coitado. Ele consolou-me assim: vem viver comigo, na minha cozinha, na arrumação da casa. Assim me farás companhia nas noites de solidão, Nairossizinha! Eu disse que não, por amor a ti.

JOAQUIM – Não acredito no que estou a ouvir, não, não pode ser verdade… maldito padre.

NAIROSSE – Agora sou eu quem diz: não insulte um homem santo.

JOAQUIM – Santo? Qualquer dia dou-lhe uma facada no peito.

NAIROSSE – Para quê esse teu ciúme atrasado, nesta hora? Antes de matar o velho padre, escuta o que te vou dizer agora.

JOAQUIM – Não, não quero ouvir mais nada.

NAIROSSE – Vais sim, e vai-te fazer bem. Um dia eu disse ao padre: gostaria de subir ao trono e reinar. Ele riu-se e disse: as mulheres não são aceites na política. Depois deu uma risada e gritou:

acabas de dar-me uma ideia. O Joaquim pode ser governador e um bom governador. Começou a fazer os lobbies. Deu certo e entraste na política, graças a mim e a esse velho padre, mulherengo.

JOAQUIM – Hã? Mas faz sentido, sim. Durante um tempo falava-me de política e fazia-me umas perguntas descabidas…já entendo porquê. Meu Deus! Mas…por que trataram do meu assunto em segredo?

NAIROSSI – A tua ambição desmedida podia atrapalhar o processo. Preferimos agir em segredo.

JOAQUIM – Ah, Nairossi! Tu me amas de verdade… eu também te amo.

NAIROSSI – Se assim é, deixa a Lucília e fica comigo.

JOAQUIM – Ah, se eu pudesse! Os conselheiros do governo, sabes? São eles que me impõem uma esposa de verdade, para subir na vida. Mais educada. Que me dê a boa imagem pública. Juro que nunca te trocaria por mulher nenhuma, Nairossi. Fica comigo, em segredo, no escuro. Ficarei com a Lucília, apenas em público. Vocês as duas me completam.

NAIROSSI – Vai para o inferno! Vai avante com a tua carreira política, mas lembra-te sempre: sem mim, tu não serás ninguém. Pobre Lucília! Tão jovem e tão bonita! Se ela soubesse o que lhe espera! Ela não será esposa, mas apenas um objeto da tua ambição. Ela veio para ser usada e nunca para ser amada. No fim, será tratada tal como eu sou agora. Que pena! Mas peço-te uma última coisa.

JOAQUIM – Qual?

NAIROSSI – Diz a tua mulher branca para não envenenar os meus filhos.

JOAQUIM – Envenenar? De que a acusas?

NAIROSSE – Quem é que anda a colocar falas más nos ouvidos das minhas crianças? Tu ou ela? Desde que ela chegou os meus filhos fogem de mim. Ontem mesmo dei um beijo na minha filha. Ela imediatamente correu e foi lavar a cara. Perguntei-lhe porque fazia isso. Ela disse que tinha nojo de mim e temia o contágio de bruxaria. Vomitou sobre mim muitas palavras feias. Apeteceu-me calar-lhe a boca com uma paulada, mas resisti. Mãe nenhuma deste mundo merece tamanha humilhação.

JOAQUIM – Vou averiguar o que se passa.

NAIROSSI – Vai-te antes que seja eu a dar-te uma facada no peito. Vai-te embora, vai!

CENA 3

Intervenientes: Lukanda, Gamazili e Nairosse.

Ouvem-se vozes de mulheres cantando de noite. Uma voz é triste e outra alegre. Lukanda e Gamazili comentam.

LUKANDA – Que vozes são essas que me tiram do sono? Gamazili, escuta. De quem serão?

GAMAZILI – São vozes fêmeas cantando amores ao luar como corujas na noite. Cantigas fúnebres de Nairossi pelo amor que morre. Cacarejo da Lucília que ri, caminhando em passos triunfantes na marcha nupcial ao encontro da mais terrível ilusão. O Joaquim é um homem de sorte. Amado e odiado por duas lindas mulheres, a ponto de perturbar o silêncio romântico desta noite. Mas são belas cantigas. Gosto muito das histórias de amor.

LUKANDA – Falas com tanto gozo, Gamazili. Não tens pena da Nairossi?

GAMAZILI – Pena? De quê? E o que a minha pena vai mudar? Não é melhor deixar o destino seguir o seu curso?

LUKANDA – Que destino Gamazili?

GAMAZILI – A Nairossi não vai morrer, isso é claro. O Joaquim e a Maria Lucília vão-se casar, só isso. A noiva vai estar linda e o espectáculo vai ser muito bonito.

LUKANDA – A minha irmã está a sofrer tanto, coitada!…

GAMAZILI – Que coitada? Vamos logo curar-lhe a doença que tem, para que deixe de nos incomodar.

LUKANDA – Incomodar? E que doença ela tem, além do sofrimento?

GAMAZILI – Ela tem a doença da lua, doença do amor.

Vão ao encontro da Nairossi

GAMAZILI – Hei, o que te faz gritar toda a noite a ponto de interromper o meu repouso? Por acaso morreu alguém?

NAIROSSI – Morri eu por dentro e por fora. Sou um cadáver.

LUKANDA – Quem te matou se estás aí muito viva gritando com todas as forças?

NAIROSSI – O amor, meu irmão. O amor é a lança que perfura, que me tortura.

GAMAZILI – Não disse? Isso é doença da lua. O amor é mentiroso como a lua. Lua por vezes cheia, luminosa, romântica, enganando corações. Outras vezes crescente brotando falsas paixões.

Outras vezes minguante como a desilusão. Outras vezes eclipsando-se e morrendo, deixando o desgosto. O amor enlouqueceu-te, Nairossi. Olha para o teu aspecto: louca, doida varrida. Perdeste o juízo. Que desgraça!

NAIROSSI – Maldito Joaquim. Roubou-me o coração e a alma. Tirou-me o estômago, o coração, tudo! Desafiei o mundo inteiro para entregar o segredo da nossa terra: dar-lhe o crânio de ouro que recebeu das mãos da Sandowane.

GAMAZILI – E tu conheces bem o castigo de quem viola este segredo: a morte. Tu mereces a morte!

NAIROSSI – Sei que mereço a morte. É a essa morte que chamo agora. Que me leve para o fundo do chão, para o céu ou para o inferno. Gostaria de desaparecer. Voar para longe. De tanto amor, entreguei toda a minha vida ao Joaquim e ele me deixa assim de mãos vazias.

GAMAZILI – Tiraste o manto do poder para dançar nua, para ele, na noite de lua! Na hora da dança ele roubou-te o poder e manto. Ah, mulheres! Procuram sempre agradar ao outro, esquecendo-se de si mesmas. Quem disse que o amor é só dar, sem nada receber? Cegueira! Acorda, que o Joaquim nunca te amou! Abre esses olhos e reage, que a vida continua! O Joaquim tinha fome de ouro e precisava de ti, para lhe mostrar o caminho da fortuna. Conseguiu o que queria e foi-se embora. Claro, já não fazes falta nenhuma!

NAIROSSI – Pareces muito encantada com as minhas mágoas, Gamazili. Porque me falas assim? Será que nunca te apaixonaste?

GAMAZILI – Apaixonei-me sim, várias vezes. E fiz asneiras piores que as tuas e por isso odeio o amor. O amor, minha querida, é uma febre maligna que vai e vem. É uma ligeira gripe passageira. Mas também… quando morre um amor, nasce outro e assim a vida vai… Amor ao próximo? Dá mágoas. É bem melhor amares-te a ti mesma e esquecer o resto.

NAIROSSI – Não conheces a dor de ser usada, abusada e depois trocada, Gamazili.

GAMAZILI – É o que tu pensas. Vamos, reage. Olho por olho, dente por dente. Faz também o mesmo. Usa-o, abusa-o e troca-o. Assim as contas ficam saldadas. És por acaso a única mulher na superfície da terra? Não! E ele será o único homem do mundo? Também não. Ele vai casar com outra? Procura tu, um outro homem e casa-te também. Quem te disse que a mulher nasceu para um só homem e o homem para uma só mulher?

LUKANDA –Desde sempre que a mulher se usa, se troca, se compra, se submete, aqui nas terras do Songo. Querias que o teu caso fosse diferente? Ah, minha irmã, acorda que não és a dona do mundo.

NAIROSSI – Ah, como odeio o Joaquim. Prometeu-me amor eterno e mal virou as costas, desfez a promessa. Quanto a essa Lucília, digo e repito: no leito que era meu, jamais dormirá. No homem que é meu, ela jamais tocará. Por todo o mal que me faz o Joaquim, pagará.

GAMAZILI – Ah! A nova mulher existe, mesmo que não queiras. A casa que era tua, já é dela. Está pintada de fresco. Meteram mobílias muito mais bonitas e mais ricas. Até as loiças e panelas foram todas substituídas.

NAIROSSI – Juro pela alma da minha avó enterrada neste chão que esse casamento não vai dar certo. Juro pelo espirito das montanhas sagradas de Songo. Juro pela Sandowane, que…

GAMAZILI – Cala-te e não diz nem mais uma palavra! Como vais jurar por aquilo que não te pertence? Entregaste a Sandowane e o crânio de ouro ao teu Joaquim, e nada mais te pertence! Nem jura pelo Zambeze, nosso rio sagrado, colonizado por essa gente. Jura antes pela tua alma vil e pelo teu coração envenenado pela desilusão.

NAIROSSI – Ah, Gamazili, por favor, diz-me uma palavra de amor e consola a minha dor.

GAMAZILI – Eu? Hoje não vim para te agradar, mas para te agredir, Nairosse. Quero tirar-te à força do mundo da lua para a realidade da vida. Agora sou de novo a tua tia severa que te carregou nas costas e te ensinou as primeiras lições da existência. E vais retomar o teu lugar subalterno a partir de agora. Vais de novo ajoelhar aos meus pés como mandam as obrigações da nossa terra. Nunca mais me olhes de frente como fazias no tempo em que te julgavas rainha. Baixa sempre a cabeça quando de mim te aproximares. Passas a cumprir todas as minhas ordens. Já não és a minha patroa. A partir de amanhã, quem vai ser a patroa é a Dona Lucília, a verdadeira esposa do Joaquim.

NAIROSSI – Já percebi. Parece que a minha dor te encanta e te faz feliz. Será que a minha desgraça te faz feliz? Mudaste tão rapidamente!

GAMAZILI – Tudo muda, querida sobrinha, até mesmo tu. O sol de ontem não é o mesmo de hoje e cada momento tem a sua glória. Ontem te julgavas senhora e hoje és uma desgraçada. A tua arrogância de ontem transformou-se neste choro vergonhoso, medonho. Não te dei eu as lições de coragem? Não gritar na hora do parto. Não gritar quando o marido te espanca. Não gritar na hora da morte da pessoa mais querida. Ser capaz de fazer o coval e sepultar o próprio filho sem uma lágrima nos olhos. Chora na tua solidão e não fere os tímpanos do mundo, que a noite exige silêncio…

NAIROSSI – Ah, sinto tanta dor, minha tia!

GAMAZILI – Vá, choramingona, chora à vontade mas, por favor, chora em silêncio. Miserável traidora! Antes da invasão dessa gente, éramos um povo unido e forte. A coesão vinha do nosso segredo e do nosso sagrado. Pessoas como tu, Nairossi, entregaram tudo aos invasores e agora somos um povo submetido. O verdadeiro poder de um povo assenta no segredo. Segredo militar. Segredo do Estado. Segredo dos deuses. Segredo, sempre segredo.

NAIROSSI – O Joaquim ameaça deportar-me para a plantação dos palmares da Zambézia como uma condenada qualquer.

GAMAZILI – É o habitual. Isso era de esperar. Pensavas que já não eras negra por ter um marido branco? Ah! Destino de negro é ser acorrentado, deportado, explorado, maltratado. Olha, se fores para a Zambézia, dá o meu abraço à minha irmãzinha a quem mandaste desterrar aos oito anos de idade por ter roubado uma fatia de bolo na tua mesa. Diz-lhe que a amo muito e tenho muitas saudades dela.

NAIROSSI – Pensei que me amavas, Gamazili. És tão azeda! A tua língua de sabre cai como espada de fogo dentro do meu peito. Por favor, deixa-me sozinha com a minha dor.

GAMAZILI – Odeio-te, malvada. Até os colonos são mais humanos do que tu, sua preta. No lugar do coração tens uma cobra mamba. Mandaste açoitar-me várias vezes, como uma escrava, esquecendo até os laços de sangue. Chamboqueavas os trabalhadores das machambas, a quem nem pagavas salários. Semeaste ódio e medo no coração do teu povo. És mesmo uma bruxa malvada.

LUKANDA – Também me espancavas por tudo e por nada. Por causa da folha de limoeiro que caiu na varanda. Por causa da poeira, do grão de areia, só por vontade de me ver sofrer. Não te lembravas de que sou teu irmão?

NAIROSSI – Compreendo as mágoas que causei, mas o que será dos meus filhos, se for deportada, Gamazili? O que será de mim?

LUKANDA – Foge, minha irmã e refugia-te nas montanhas. Regressa ao lar paterno onde viverás momentos de paz, vai!

NAIROSSI – Jamais voltarei. Do lar paterno fui excomungada e amaldiçoada, sabes bem disso. Esbofeteei a minha mãe, insultei o meu pai. Quem vende os segredos da terra é punido de morte, não, não voltarei. Morrerei.

GAMAZILI – Cada um dorme na cama que preparou. Colhe agora o que as tuas mãos semearam, Nairossi. Nos ritos de iniciação ensinei-te a respeitar a todos. Disse-te sempre que os teus pais são os teus deuses, que sempre te amparam na ascensão ou na queda. Violaste tudo para agradar um estrangeiro. Não tens onde ir? Mentes. Tens o inferno para te consolar. Não queres ir?

NAIROSSI – Sabes o que me apetece? Pegar num punhal e enfiar no peito dos meus filhos e depois atirar-me ao fundo do rio.

GAMAZILI – Tu fazes as despesas da loucura e os teus filhos vão pagar a factura? Não tentes. Queres que informe ao patrão Joaquim das tuas intenções. Posso informá-lo agora mesmo.

NAIROSSI – Não, Gamazili, não, falei sem pensar, perdoa-me. Não diz nada ao Joaquim, suplico-te.

GAMAZILI – Suplica-me de joelhos, menina.

NAIROSSI – Sim, de joelhos vos suplico. Não digam nada ao Joaquim.

GAMAZILI – Porta-te bem. Controla-te. Pratica a confiança que te ensinei nos ritos de iniciação. Estás no mundo e deves cumprir as leis da vida. Vá às águas do Zambeze e espelha-te. Identifica as tuas fraquezas e traições. Descobre o teu ponto de força. Protege-te a ti mesma.

NAIROSSI – Obrigado, Gamazili

GAMAZILI – Vamos para o trabalho, Lukanda. Vemos apanhar antúrios no campo para enfeitar a igreja que o casamento é já daqui a algumas horas. Tu, Nairosse, conforma-te. Foste jogada no lixo. Agora és igual a qualquer um de nós. Desceste de cavalo para burro.

NAIROSSI – Não desci de cavalo, porque eu é que sou o cavalo, onde o Joaquim cavalga. Sem esta montada ele não chegará a lugar nenhum. Viajou até às alturas no dorso das minhas asas. Que se casem. Veremos quem ganha a partida.

GAMAZILI – O que te dá tanta convicção?

NAIROSSI – Eu sou Nairrossi, mulher de mil poderes.

Lukanda e Gamazili dão uns passos em frente e recuam.

LUKANDA – Espera um pouco, Gamazili. Tenho uma curiosidade, Nairossi. Conta-me como é que começou essa aventura de amor.

NAIROSSI – Eu estava a pentear os cabelos na margem do rio. De repente vi um barco a naufragar, um homem solitário a gritar. Atirei-me ao rio com valentia e arrastei o náufrago pelos cabelos longos. Estava desmaiado quando chegamos à margem. Fiz a respiração boca a boca. O coração do náufrago voltou a palpitar e o calor do corpo a subir, ai! Apaixonei-me naquele instante do toque mágico no beijo da ressurreição. Levei-o até à casa, e lhe prestei os melhores cuidados.

LUKANDA – E o que trouxe esse branco até vir naufragar nas nossas terras?

NAIROSSI – Andava à procura de ouro que dizia existir em abundância nas margens do rio Zambeze, cuja mina era guardada a sete chaves por uma serpente.

LUKANDA – A lenda da Sandowane?

NAIROSSI – É. Ela é conhecida de norte a sul do país.

LUKANDA – E tu entraste nessa aventura. Levaste o branco às montanhas. Encontraram o tal crânio de ouro?

NAIROSSI – Sim. O Joaquim recebeu-o das mãos da Sandowane.

LUKANDA – Crânio humano?

NAIROSSI – Se é de ouro não pode ser humano. Uma escultura belíssima.

LUKANDA – A Sandowane existe de verdade? Não é apenas um mito?

GAMAZILI – Se os mitos existem, a Sandowane também existe, seja na realidade ou no próprio mito.

LUKANDA – Como é que ela é?

NAIROSSI – Corpo de serpente, cabeça de mulher. Por vezes aparece com corpo de rato e rosto de mulher. Outras vezes é metade cabra e metade mulher. Quando caminha deixa sempre um rasto de sangue como uma mulher menstruada. Entrança os cabelos ao vento nas noites de luar, no pico mais alto das montanhas de Songo. Quando entende transforma-se em flor branca e exala um perfume que desperta o amor nos amantes adormecidos. Assobia, encanta e adormece. Vive nas águas profundas dos rios. No alto dos montes. Nas profundezas dos oceanos. Nos ramos das árvores da floresta densa. Por vezes fica sentada à beira do rio e quem por ela passa, vê apenas uma bela mulher. Protege os viajantes que naufragam nas águas de todos os rios. Dá fortuna ou maldição a quem tiver a sorte ou azar de a encontrar.

LUKANDA – Mas, se é inacessível, como dizem, como é que conseguiste chegar até ela?

NAIROSSI – A sábia Magambo instruiu-me sobre os mistérios do caminho. Primeiro foram rezas às margens do Zambeze. Depois escalamos as montanhas e dominamos as feras do caminho. Aos corvos medonhos, que grasnavam ameaçadores, demos milho e abriram a passagem. Às serpentes que obstruíam a via, demos galinhas vivas e abriram o caminho. Aos gorilas furiosos, demos bananas, ficaram felizes e abriram o caminho. Ao leopardo, demos um cabrito e ele abriu o caminho. Chegamos ao pico do monte. Sandowane estava ali esperando por nós.

LUKANDA – Em carne e osso?

NAIROSSE – Sim, em carne e osso. Corpo de serpente e cabeça de mulher.

LUKANDA – Não tiveste medo da serpente?

NAIROSSI – A beleza dela é tão extraordinária, hipnotizante, que nem deu tempo para pensar no medo!

LUKANDA – A Sandowane entregou o crânio de ouro ao Joaquim, mesmo sendo estrangeiro?

NAIROSSI – Ela é muito generosa. Não olha para a raça, nem sexo. Abençoa ou amaldiçoa a todos os que a procuram.

LUKANDA – A bênção já conheço. É o ouro e a riqueza. Mas, e a maldição?

GAMAZILI – Castiga de morte a quem tenta obstruir o seu caminho.

LUKANDA – Se ela é tão bonita, porque é que tinha de ser uma cobra?

GAMAZILI – Porque serpente é cobra e a cobra é a maior guardiã da natureza. De todos os animais da natureza é a mais perfeita. Rastejante. Navegante. Aérea. Ágil. Tem no corpo a fluidez das águas. Vive em todo o lugar. No mais profundo dos mares ou dos rios. Nos subterrâneos mais medonhos. Nas cavernas das montanhas. Nos pântanos. Nos solos áridos dos desertos. Sobre os ramos das árvores mais altas das florestas. Silenciosa, inteligente, ela aparece onde ninguém espera. Assusta e protege.

LUKANDA – deixa-me fazer uma última pergunta, Nairossi. Tiveste o crânio de ouro na mão e não pensaste em guardá-lo para ti, nem para mim que sou teu irmão. Preferiste entregá-lo ao teu apaixonado. Nunca pensaste em acabar com a pobreza na nossa família?

NAIROSSE – Estás interessado em conhecer a Sandowane, meu irmão?

LUKANDA – Claro que quero.

NAIROSSI – Tudo bem. Conhecê-la-ás em carne e osso e ela te dará o crânio de ouro.

LUKANDA – De verdade? Vais levar-me ao alto das montanhas?

NAIROSSI – Não precisarás de subir. E virá ao teu encontro vestida de anjo e coberta de flores brancas. Encontrar-te-ás com ela muito em breve. Talvez nesta noite de núpcias. Ela te dará toda a fortuna do mundo.

CENA 4

Intervenientes: Gamazili, Nairosse e Lukanda.

Dia do casamento. Amanhece. Nairosse veste-se de branco como uma noiva. Ri com a felicidade de uma criança, vai despertar o Lukanda e a Gamazili que se surpreendem.

GAMAZILI – Nairossi, onde vais tu vestida de branco?

NAIROSSE – Hoje quero sentar-me à beira do rio e pentear os meus cabelos. Depois quero passear pelos campos e colher flores brancas para me enfeitar.

LUKANDA – Estás tão bonita! Até pareces uma noiva.

NAIROSSI – A noiva verdadeira sou eu. Quanto a essa Lucília, coitada! Noiva de ocasião, nas mãos do Joaquim que chegou ao Songo como uma encomenda do correio.

GAMAZILI – O teu sorriso é tão cândido! Nem pareces a mesma pessoa que chorava desconsoladamente a poucas horas. Que milagre!

NAIROSSI – Hoje estou em paz. Feliz. Hoje vou perder o marido e ganhar a liberdade. Muito obrigado Gamazili por despertar-me do sono com palavras amargas. Aqui estou. O choro da noite lavou a minha alma, ah, como estou leve! Esta noite quero subir ao monte, colher estrelas do alto e coroar a minha cabeça de rainha.

NAIROSSI – Lukanda, meu irmão, faz-me um grande favor. Lembras-te do frasco afrodisíaco de canhú que eu tomava com o Joaquim, nos dias felizes? Os recém-casados vão precisar dele nesta noite. Por favor, fala com o Joaquim subtilmente e diz-lhe para tomar desse frasco, nesta noite especial. Com a sua amada, claro.

LUKANDA – Ah, mas o que te deu? Enlouqueceste de vez? Ontem gritavas contra este casamento e de repente mudas de opinião e queres a felicidade do casal?

NAIROSSE – Fiquei com pena dessa Lucília. Ela vem da Europa e dizem que lá faz muito frio. Os dois precisam de aumentar o calor do corpo para melhor saborear os prazeres do travesseiro.

GAMAZILI – Não te reconheço!

NAIROSSE – Hoje acordei mais calma. Sirvam com fidelidade os novos senhores, tal como me serviram a mim. E tu, Lukanda não te esqueças de me fazer esse favor.

LUKANDA – Discurso estranho, o da Nairossi.

GAMAZILI – Discurso de loucura, eu acho.

LUKANDA – Enigmático. Assustador.

CENA 5

Intervenientes: Padre, Nairosse, Gamazili e Lukanda.

Noite de núpcias. O padre vai bater a porta da Nairosse.

PADRE – Nairossi, Nairossi acorda e vem ajudar. O caso é muito sério.

NAIROSSE – O que aconteceu?

PADRE – O Joaquim foi mordido por escorpião.

NAIROSSI – Escorpião? Aonde?

GAMAZILI – Mordeu-lhe na virilha, bem perto do sexo. Os testículos incharam até ao tamanho de abóboras.

NAIROSSI – Mas porque foi urinar na mata nesta hora da noite?

PADRE – O vinho, sabes, deve ser o vinho. Ah, maldito álcool. Por favor prepara-me as ervas senão perdemos o homem.

NAIROSSE – Se eu preparo algo novo as más-línguas dirão que meti veneno. Trata-o com as ervas que lhe dei no nosso último encontro. Esfrega bem no lugar mordido. Dá-lhe depois a mezinha, para tomar três vezes por dia, conforme lhe ensinei.

PADRE – Será que o Joaquim vai morrer, nesta noite de núpcias? O médico decidiu viajar para a capital logo hoje, meu Deus, o que será do Joaquim?

NAIROSSI – Não morre não. Vai passar mal, mas viverá. Gamazili, sabes tratar destes casos, ajuda o senhor padre e salvem a vida desse homem!

Na manhã seguinte.

GAMAZILI – Senhor padre, acuda-me, socorro…

PADRE – O que aconteceu? O que houve?

GAMAZILI – Não sei falar. O meu português acabou e já não tenho palavras. Há factos que as palavras não descrevem. É melhor vir ver porque eu não sei explicar. Vem depressa e veja com os seus olhos.

PADRE – O Joaquim? Será que morreu?

GAMAZILIA – Nada disso. O patrão Joaquim dorme e ronca como um anjo. O inchaço baixou.

PADRE – Mas o que é?

GAMAZILI – Vem, senhor padre, por favor, vamos.

PADRE – Que Deus nos proteja, aí vou…

•••◆◆◆•••

PADRE – Ah, que tragédia. O que estou a ver? O Lukanda dormindo abraçado à recém-casada? Olha o lençol branco, olha, olha Gamazili, está coberto de sangue, meu Deus, a virgindade da noiva lá se foi nos braços do outro. Dormiram assim com a porta aberta? Jesus, Virgem Maria, acudam-me! Tiremos já o maldito Lukanda daqui. Eu não acredito em bruxarias, não, mas que há, há. Isto é obra do diabo, é. A noiva a perder a virgindade com um serviçal, na noite de núpcias? Vai haver vingança, sangue, sei lá, meu Deus socorro!... O que vai acontecer quando o Joaquim acordar?

GAMAZILI – Não sei, mas coisa boa não vai acontecer não.

PADRE – E o Joaquim não desconfiou?

GAMAZILI – Não, senhor padre. Ele dormiu a noite inteira. Não sabe de nada, garanto.

PADRE – Como podes ter a certeza?

GAMAZILI – Não saí nem um instante do quarto do patrão Joaquim. Fiquei ali de vigília, sabe, senhor padre, mordedura de escorpião é coisa séria. Tinha que esfregar as ervas de hora em hora para o efeito ser mais rápido.

PADRE – E a Dona Lucília?

GAMAZILI – Eu estava tão entretida com o doente que nem dei pela escapadela. Ela saiu, fechou a porta, não questionei, pensei que ia à casa de banho. Adormeci sentada na cadeira e quando despertei não vi sinais da noiva. Então vim até aqui e veja o que encontrei.

PADRE – Ah, Gamazili! Não tiveste medo de cuidar de um homem casado, tratar das partes que só são permitidas ao médico ou à esposa?

GAMAZILI – O que pretende insinuar, senhor padre? Um doente é um bebé. Inofensivo. Necessitado. Enfraquecido. Que medo devia eu ter?

PADRE – Perdoa-me Gamazili, perdoa-me. Ai, boca suja a minha, como fui eu falar de assuntos tão pecaminosos? Perdoa-me meu Jesus, perdoa-me Espírito Santo, perdoa-me.

O padre e a Gamazili arrastam o Lukanda para fora do quarto.

PADRE – Seu pecador! Podes explicar-me o que aconteceu?

LUKANDA – Juro senhor padre, não sei de nada, não cometi pecado nenhum.

PADRE E GAMAZILI – O quê?

LUKANDA – Foi um momento de loucura, loucura. Ela é branca, e eu negro. Ela é uma deusa, e eu um diabo. Ela é uma santa, uma noiva e eu, …sei lá. Nunca olhei para ela como mulher porque

é proibido por lei. Juro que nunca me imaginei numa tal situação. Ah. Senhor padre, mas foi um momento tão…

PADRE – Cala-te e não me contes nenhum pormenor da tua pouca-vergonha. Como é que isto aconteceu? Vamos, conta-me depressa antes que... andaste a beber?

LUKANDA – Sim senhor padre, vou contar o que me lembro. Andei a vazar os restos das garrafas de vinho e eram muitas. Depois de servir o afrodisíaco aos patrões, bebi o que restava. Sempre quis experimentar e a Nairossi nunca deixou. Depois fui dormir.

PADRE – Dormiste sozinho? Aonde? E como estás aqui na casa e na cama nupcial do patrão? Vamos, fala antes que eu te entregue à policia.

LUKANDA – A Dona Lucília veio bater à minha porta. Disse que estava a ser assolada por um calor repentino. Quis tirar o vestido, mas não conseguia abrir o zipe. Então veio bater à minha porta e chamou por mim. Como bom empregado lhe segui até este quarto. Abri o zipe, desapertei-lhe o *soutien*. E esquecemos tudo. O resto é o que já sabem.

PADRE – O que queres que eu faça, Lukanga?

LUKANDA – Reza por mim, padre. Depois disto serei apenas um morto. Aceito ser deportado como prisioneiro para os palmares da Zambézia. Aceito qualquer castigo, mereço.

PADRE – Pensando bem, o cadáver pode não ser apenas um. Quando o Joaquim recuperar a saúde pode matar a mulher, matar-te, ou matar-se. O que faço eu para evitar o derramamento de sangue, meu Deus? Bem, primeiro vou rezar e Deus vai iluminar-me.

GAMAZILI – Não, não, não há tempo para rezar, senhor padre. Vamos antes esconder o Lukanda num lugar onde ninguém o pode encontrar. Depois pode ir rezar.

PADRE – Onde, mas onde?

GAMAZILI – Na igreja. Na sacristia. Num lugar onde a polícia nem desconfia.

PADRE – Na casa de Deus não! Mas as pessoas hão-de vê-lo a entrar.

GAMAZILI – Ninguém vai desconfiar. Ele vai entrar vestido de mulher. Vamos, ponha-lhe esta minha capulana e este meu lenço. Vai rápido senhor padre, que eu fico a fazer desaparecer as marcas do crime no corpo da Dona Lucília antes que o marido desperte.

CENA 6

Intervenientes: Padre e Gamazili.

Dois meses depois o padre e a Gamazili conversam.

PADRE – A tomada de posse do Joaquim correu às mil maravilhas. Deus esteve por perto e ouviu as minhas orações. Por aquilo que estou a ouvir, o Joaquim dá sinais de ser um excelente governador. Bendito seja Deus.

GAMAZILI – Que bom senhor padre. Eu é que não posso dizer a mesma coisa. Desculpa senhor padre mas a situação da família não é nada boa.

PADRE – Que família?

GAMAZILI – O patrão Joaquim e a sua esposa.

PADRE – Vamos, diz logo, o que se passa?

GAMAZILI – É difícil começar. Mas a Dona Lucília anda a chorar por todos os cantos, chamando pelo Lukanda. Até parece que enlouqueceu.

PADRE – Ah, não. Que posso fazer, meu Deus?

GAMAZILI – Há doenças que o remédio não cura. Ponha os dois em contacto, para ela deixar de delirar, antes que se descubra esta trama.

PADRE – Onde? Na minha igreja? Com tanto fogo no corpo, esses dois vão conspurcar a casa de Deus com a sua pouca-vergonha.

GAMAZILI – Por favor senhor padre, ela pode enlouquecer de vez. Vamos tentar essa terapia para ver se ela se acalma.

PADRE – Vou pensar, vou pensar. E como vai o Joaquim?

GAMAZILI – Muito melhor. Mas parece que também perdeu o juízo. De dia trabalha muito bem, lá no palácio onde é governador. Mas de noite só chama pela Nairosse. Suspira, chora, toma um copo de leite, vai ao quarto, reza o pai-nosso e dorme como um anjo.

PADRE – Tu é que fazes a cama. Diz-me só uma coisa em segredo, mesmo para Deus não ouvir: algum dia viste marcas de amor, cama desarrumada do casal ou coisa assim?

GAMAZILI – Ah, senhor padre, que pergunta! Mas vou responder. Não vi nada! Não acontece nada! Aquela mordedura de escorpião, matou a coisa mais importante no patrão Joaquim. Mas a Dona Lucília nem se incomoda. Anda imensamente feliz. E ela está a engordar, nas mamas e no ventre, parece que engravidou.

PADRE – De quem? Do Lukanda?

GAMAZILI – Parece que sim, senhor padre.

PADRE – Ai, não. Que faço eu da minha desgraçada sorte? Vamos, diz a Dona Lucília para vir ao meu encontro. Que devo fazer eu para evitar a maior desgraça? – diz Gamazili.

GAMAZILI – Fala com Deus que o senhor é a melhor pessoa para isso. Ele vai dizer o que fazer. E tem outra coisa, senhor padre.

PADRE – Vamos, diz tudo de uma vez.

GAMAZILI – O patrão Joaquim delira, rebola e geme durante o sono como se estivesse a ser possuído pela mulher da noite.

PADRE – Mulher da noite?

GAMAZILI – O senhor padre não sabe que há? Nunca ouviu falar?

PADRE – Não quero ouvir falar disso, Gamazili. Não me traz dessas superstições africanas. Sabes que sou homem de Deus e não gosto desse tipo de coisas.

GAMAZILI – E tem mais. A Dona Lucília também geme como se estivesse em orgasmo e só chama pelo Lukanda. Parece até que ela tem o marido da noite.

PADRE – Chega. Não me fala mais desse assunto.

GAMAZILI – Senhor padre não se preocupe com isso. Os maridos da noite são os mortos, mas tanto a Nairossi como o Lukanda estão vivos e com muita saúde.

PADRE – Mas…como é que sabes? Não me digas que andas a expiar o sono do casal.

GAMAZILI – Claro. Numa situação como esta, tenho que velar pelo sono dos meus patrões. Acha que fiz mal?

PADRE – Não sei de mais nada. Tenho a cabeça baralhada. Vieste aumentar a confusão com a história dos delírios, das mulheres e maridos da noite. Não quero ouvir mais superstições, chega.

CENA 7

Intervenientes: Padre, Dona Lucília e Lukanda.

Meses depois o padre conversa com Dona Lucília e Lukanda.

PADRE – O teu corpo se transforma, Lucília. É tempo de ir refugiar-te algures até a criança nascer. Irás para um convento e viverás com as freiras. Mas antes tens que confessar uma coisa: o Joaquim nunca colocou um dedo em ti?

DONA LUCÍLIA – Não.

PADRE – Nem sequer um beijo?

DONA LUCÍLIA – Nada. Aquela mordedura de escorpião matou algo muito importante nele.

PADRE – Mas ele vai recuperar, tenha fé.

DONA LUCÍLIA – Será tarde demais.

PADRE – Não me diga que está a amar esse negro.

DONA LUCÍLIA – Um amor de perdição, padre.

PADRE – Então tens que ir ao convento. Diremos ao teu marido que se trata de uma longa missão pastoral. Vamos demorar o tempo necessário até esse filho sair da tua barriga.

LUKANDA – Eu também quero ir, senhor padre

PADRE – Tu, num convento de freiras? ah, ah, ah! Nunca ouses lá entrar, seu pecador do inferno!

LUKANDA – Então o senhor padre acha que eu sou assim tão mau ou…

PADRE – Não acho, tenho a certeza. Se até a uma noiva do governador branco foste capaz de assaltar na noite de núpcias, o que farás num convento de freiras? E elas são todas tão lindas, tão puras, tão virgens!

DONA LUCÍLIA – Senhor padre, deixa que ele venha comigo.

PADRE – Vai com ele para o inferno, para o convento não. Aquele é um lugar sagrado. Mas… sim, já pensei num bom lugar. Uma aldeia no alto das montanhas onde terás um parto nas mãos de uma parteira tradicional. Não pode ser no hospital, senão o segredo se espalha. Irás parir o teu filho como uma africana qualquer. Depois do parto, regressas a casa sem a criança. Uma ama-de-leite te trará o bebé que receberás como madrinha.

DONA LUCÍLIA – Parteira tradicional?

PADRE – Não tens escolha, estás em África Dona Lucília. Vou já tratar de tudo. E é melhor que partas agora enquanto o Joaquim ainda vive no mundo da lua.

LUKANDA – Posso ir com ela, para essa aldeia, senhor padre?

PADRE – Porque insistes?

LUKANDA – Só as árvores crescem ao vento e à chuva. O ser humano é mais complexo. Primeiro coloquei nela a semente que modela o corpo do nosso bebé. Tenho que entrar sempre no seu ventre para completar o meu trabalho. Um dia coloco as orelhas. Noutro dia, o nariz. E vou colocando o cabelo, um a um. Em cada dia vou modelando o meu filho como se colocasse peças de automóvel.

PADRE – Ai que ignorância! Não conheces a biologia?

LUKANDA – Eu não estou a falar de biologia, estou a falar do amor, senhor padre. Do carinho. Dos nossos corpos unidos num só.

PADRE – Já percebi as tuas intenções. Ai, o pecado da fornicação. Ai, como a carne é fraca! Se quiseres vai por conta própria que não quero saber de nada. Ai, minha vida de padre! Até onde este jogo me irá levar? Vai lá pôr os cabelos ao teu filho, senão a criança vai nascer calva como eu.

CENA 8

Intervenientes: Padre, Nairosse, Lukanda e Gamazili.

O Padre, Lukanda e Gamazili visitam a Nairossi.

PADRE – Nunca vi nada mais triste que aquela noite de núpcias. O marido branco gemendo de dores aos cuidados da negra empregada. A noiva suspirando de amores no quarto ao lado, nos braços de um empregado negro. Diz a verdade, Nairossi: não fizeste nada para atrapalhar o casamento do Joaquim?

NAIROSSE – Ai, senhor padre! Eu sou uma mulher odiada. Rejeitada. Já não tenho marido, nem amigos, nem fortuna. Até os meus filhos foram arrancados para os braços da nova mãe branca. Que mal posso ter feito?

PADRE – Fala com sinceridade, Nairossi.

NAIROSSI – De que me acusa, senhor padre? Quando o Joaquim foi mordido por um escorpião, eu não estava lá. Quando a noiva se deitou com o Lukanda em plena noite de núpcias, eu não estava lá. Porque me pergunta a mim, mulher desprezada, abandonada, humilhada?

GAMAZILI – Todas as pragas que rogaste se materializaram, Nairossi.

LUKANDA – Com todo o requinte.

NAIROSSI – Estão a chamar-me de bruxa? Que pragas roguei eu?

GAMAZILI – Vestiste um longo vestido branco no dia do casamento e estavas mais bonita que a própria noiva. Foste pentear os teus cabelos na margem do rio. Caminhaste em todas as ruas e fizeste uma grinalda de flores brancas com que enfeitaste a cabeça. Quando anoiteceu, subiste às montanhas e foste cantar baladas ao luar.

NAIROSSI – O que isso tem de mal? Queriam que eu ficasse no quarto a chorar? Tratei de mostrar a todo o mundo que a noiva verdadeira era eu.

GAMAZILI – Tu és sempre fugidia, escorregadia como uma serpente. Ninguém te compreende.

PADRE – Juraste que eras a mulher de mil poderes. Por favor, peço de joelhos. Usa um dos teus poderes para salvar a vida do Joaquim.

NAIROSSI – Salvá-lo de quê se ele não está doente e nem está morto?

PADRE – Sim, Nairosse. Ajuda a despertar aquele homem que perdeu a alegria de viver. Vai, peço-te. Desperta o fogo que se apagou naquela mordidela de escorpião.

NAIROSSE – Naquele corpo jamais tocarei. Ele já é um homem casado canonicamente. De resto, isso seria uma traição, aos princípios da sua igreja, padre. Que a esposa resolva os problemas do marido.

PADRE – Por favor Nairossi, esquece o passado e dá uma ajuda ao homem.

NAIROSSI – Mas quem é que está interessado na saúde do Joaquim se a Lucília, legitima esposa não diz um ai? De dia o casal circula de mãos dadas para todo o mundo ver, mas de noite cada um mergulha no seu mundo e suspira os seus sonhos. Tu, Lukanda, serviçal de dia, és o rei de noite, até cometeste a proeza de colocar um filho negro no ventre da esposa de um governador branco. Tu, Gamazili, ganhaste o estatuto de rainha com toda esta situação. Tu é que mandas em todo o palácio porque ninguém cuida da casa. O Joaquim anda ocupado com o poder e a política e a Lucília anda ocupada com o Lukanda. E o senhor padre está interessado no Joaquim? Não acredito nisso. Eu sou agora uma mulher à sua inteira disposição e sempre me tem quando me quer. Esta situação favoreceu-vos. Todos saíram a ganhar menos eu, abandonada neste casebre, mal falada, pobre e abandonada.

PADRE – Já vi. Não queres ajudar. E tens razão nalguns pontos…

GAMAZILI – Ajuda lá, não custa nada. O patrão suspira de amor por ti todas as noites…

NAIROSSI – Não vos disse que o Joaquim será eternamente meu e suspirará por mim todas as noites? São doces memórias, não há nenhuma feitiçaria nisso, não.

PADRE – Isto é maldição e conheces o caminho da salvação, Nairossi... por favor ajuda o Joaquim.

LUKANDA – Prometeste levar-me à Sandowane. Disseste ainda que ela viria ao meu encontro vestida de branco na noite do casamento do Joaquim.

NAIROSSE – Achas que te enganei, meu irmão maravilhoso? Nessa noite ninguém veio ao teu encontro?

LUKANDA – Não, não vi ninguém.

NAIROSSE – Pensa bem. Aviva a memória. Recorda. Não veio uma mulher vestida de branco?

LUKANDA – Veio a Dona Lucília, mas…

NAIROSSE – Mas, … Sandowane é a guardiã do crânio de ouro que ficou com o Joaquim. E quem guarda a casa do Joaquim é a Lucília. Sandowane pode ser ela, menos eu!

CENA 9

Intervenientes: Padre, Gamazili e Dona Lucília.

TODOS – O Governador morreu. A Província está de luto, pelo desaparecimento físico do seu líder. Pobre Joaquim, que Deus o guarde!

PADRE – Fechem as portas das lojas e dos mercados. Dispensem os funcionários das repartições. Toquem os sinos da igreja em homenagem ao homem que parte!

GAMAZILI – O Joaquim morreu nesta madrugada, ajoelhado diante de uma flor branca.

PADRE – Diante de uma flor branca? Por quê?

GAMAZILI – Era o seu hábito. Ele acordava sempre de madrugada para ir fazer orações diante das flores brancas desabrochando ao nascer do sol.

PADRE – Mentes, Gamazili. O Joaquim é um homem nobre, distinto. Com um altar tão sagrado e tão belo na nossa madre igreja, achas que ele ia rezar ao relento diante de uma flor, como um pagão qualquer? Vocês africanos é que rezam diante de qualquer árvore, não se querem dar ao trabalho de construir uma igreja.

GAMAZILI – Sabe o que o povo diz, senhor padre? Diz que o Joaquim morreu diante da Nairossi, Sandowane transformada em flor.

PADRE – Qual Sandowane, qual quê? Parem com essas superstições!

GAMAZILI – Para o povo daqui, a Nairossi é a personificação da Sandowane. Ela anda desaparecida. As pessoas dizem que ela se transformou em serpente e escondeu-se nas montanhas. As outras dizem que se transformou em flor branca…

PADRE – Ou em rato com cabeça de mulher, não é?

GAMAZILI – É o que se diz, senhor padre.

PADRE – Nisso acredito. Deve ser por isso que a minha cozinha foi infestada por ratazanas. Deve ser mesmo a Nairossi transformada em ratazana só para comer os meus mantimentos…

GAMAZILI – Não exagere, senhor padre…

PADRE – Bem, deixemos de fantasias e vamos ao que interessa: preparar o funeral. Preciso de dar alguns conselhos à viúva…

GAMAZILI – Vamos a isso, senhor padre.

PADRE – Deus te proteja, Lucília. Lamento a morte do Joaquim, mas foi essa a vontade de Deus. Viemos do pó e ao pó voltaremos. És a viúva do governador. Deves a partir de hoje vestir-te

condignamente. Prepare a roupa de luto. Vestirás de cabeça aos pés, durante um período de um ano.

DONA LUCÍLIA – Tanto tempo vestida de preto, padre?

PADRE – São as costumes da nossa madre igreja.

DONA LUCÍLIA – Não gosto de roupa preta

PADRE – Tens que aguentar mesmo que não queiras. Olha que a tua imagem vai sair nas fotografias, na televisão. É preciso dar o exemplo de uma boa cristã, uma mulher casta.

DONA LUCÍLIA – Não, senhor padre, não vou aguentar.

PADRE – Queres ir ao funeral do teu marido governador vestida de fresco? Olha que és uma europeia. Não és uma africana qualquer.

DONA LUCÍLIA – Eu vim a África para ser africana.

PADRE – Oh, Lucília. Os costumes africanos são bárbaros. Primitivos. Cortam o cabelo da viúva e depois fazem o tal kutchinga!...

DONA LUCÍLIA – Engano seu, senhor padre. O senhor acha os costumes bárbaros, mas para mim são supremos. O luto africano dura apenas oito dias. Tem lógica. Se o morto está morto e a vida continua, porque é que uma viúva deve ficar um ano vestida de preto e completamente

privada de vida? O kutchinga, que todos criticam, tem para mim o sinónimo de liberdade. Depois de uma semana, a viúva é livre e volta à vida. Porque não?...

PADRE – Meu Deus, foste possuída pelo pecado da formicação deste continente negro. Falas como se o sexo fosse a coisa mais importante do mundo.

DONA LUCÍLIA – E é, senhor padre. Sexo é alfa e ómega. Vida e morte. Principio e fim. Sexo é o ar que respiramos. Ninguém para de respirar porque alguém morreu. Nem deixa de comer que é uma importante necessidade biológica.

PADRE – Ah, meu Deus, me acuda! Que afirmação mais depravada! Mas também que poderia eu esperar de uma mulher branca, que em plena noite de núpcias teve a coragem de gemer de amor nos braços do negro serviçal enquanto o marido uivava de dor, por causa da mordedura de escorpião? Que posso eu esperar de uma mulher branca, casada com um branco, parindo filhos mulatos de um empregado negro?

DONA LUCÍLIA – Desculpa senhor padre, não queria ofender, mas…

PADRE – Cala-te e não digas mais nada. Mas por favor, ordeno-te: vai vestir a rigor durante as cerimonias fúnebres. Se Jesus ressuscitou ao terceiro dia, então é justo que uses o luto por três dias. Não vais tu meter-te em poucas vergonhas com esse Lukanda antes do funeral, em nome de Jesus, respeita a memória do teu marido...

DONA LUCÍLIA – Está certo, senhor padre.

PADRE – Uma advertência: conheço os apetites sexuais desta gente. Um homem não se contenta com uma só mulher. Qualquer dia, o Lukanda te trocará por outra…

segundo acto

CENA 1

Intervenientes: Lukanda e Dona Lucília.

Anoitece. O Lukanda vai casar-se com a Dulce. Visita a Dona Lucília, na véspera do casamento.

LUKANDA – Vim dar-te o último abraço. Amanha serei marido de uma outra mulher.

DONA LUCÍLIA – Terminemos no penúltimo abraço. Deixemos o último para a eternidade.

LUKANDA – Não sejas cabeça dura, deixa-te de ciúmes, vem.

DONA LUCÍLIA – Vai-te embora, não me atormente. Em pleno tempo colonial, eu desafiei o mundo e te amei perdidamente. Quantas vezes sonhei contigo no altar da igreja ao som da música nupcial? Sabes muito bem disso. Só não nos casamos porque a lei colonial não permitia o casamento de uma branca com um homem negro. Achas que te devo aplaudir quando me trocas por outra?

LUKANDA – Já falamos disso, mas eu repito pela milésima vez: a mulher é que deve sentir o orgulho do homem e não o contrário. Tu és branca e rica e tudo fizeste para eu ser o que hoje sou. Ao teu lado sempre serei pequeno, sempre filho. Eu também quero ter o prazer de ser macho, e

sentir o prazer de mandar nas mulheres submissas, como faz a maioria dos homens. Não me negues esse privilégio.

DONA LUCÍLIA – Negro machista! Deixa-me em paz com o meu sofrimento. Vai-te embora e não me procures mais.

LUKANDA - Esta história não começa comigo. Já reparaste que muitos líderes africanos divorciam-se das esposas brancas e casam com as negras quando ascendem ao poder? Eu não sou nenhuma excepção. Acabo de tomar posse como governador destas terras, e a tua raça pode prejudicar a minha carreira política.

DONA LUCÍLIA – Vai-te embora, antes que…

LUKANDA – Sejamos amigos. Separemo-nos assim amigavelmente para o bem dos nossos filhos. O meu casamento com a Dulce é apenas por conveniência, sabes disso. Ela será a esposa para ir às recepções, televisões e coisas públicas, enquanto tu continuas a ser o meu conforto da noite. Eu fiz isso por ti durante anos e hoje, não podes fazer o mesmo por mim? Pensa bem, Lucília. Nesse jogo ficamos todos a ganhar. Assim, vocês meus dois amores me completam, tal como eu e o Joaquim te completávamos.

DONA LUCÍLIA – Queres ter uma concubina branca? Não te darei esse prazer. Esquece-me.

LUKANDA – Eu fui o teu concubino negro, porque te recusas a ser minha concubina branca? Dei-te esse prazer e tu te pavoneavas pelas ruas de mãos dadas com o teu marido branco. Corri

todos os riscos por ti. Podia ter sido fuzilado, deportado, castrado pelo regime colonial pela ousadia de fazer-te mais mulher durante a noite.

DONA LUCÍLIA – Por favor, chega de conversa, deixa-me só.

LUKANDA – Os tempos mudaram, meu anjo. Vamos fazer o jogo da política. Ontem, o branco mandava e o negro obedecia. Hoje o negro é que manda e tu, branca, deves-me obediência. Se não me obedeceres deporto-te para Portugal, agora mesmo. Quem manda sou eu!

DONA LUCÍLIA – Enganas-te. Não me submeterei aos teus desejos tortos. Vai embora daqui, mas antes diz-me: Tens alguma notícia da Nairossi? Preciso muito dela.

LUKANDA – O que queres tu dela?

DONA LUCÍLIA – Quero pedir-lhe perdão e devolver tudo o que lhe tirei.

LUKANDA – Se ninguém sabe onde está, como o irás devolver? E o que vais devolver?

DONA LUCÍLIA – Um baú antigo, bem guardado no guarda-roupa. Tem uma coisa dessas vossas superstições africanas. É dela.

LUKANDA – Será o crânio de ouro?

DONA LUCÍLIA – O Joaquim dizia que sim, mas nunca abri. Não quero ficar com uma coisa que desconheço.

LUKANDA – A Nairossi prometeu oferecer-me esse baú no dia do teu casamento com o Joaquim, mas não cumpriu. Dá-me, dá-me que eu o farei chegar, quando ela voltar.

DONA LUCÍLIA – Vai ao guarda roupas e leva o baú. Acho que a Nairossi nem se lembra disto. Já que ela prometeu oferecer-te e se esqueceu, então ofereço-te eu. Que seja essa a tua prenda de casamento. Seja muito feliz e boa sorte.

LUKANDA – (abre o baú) É o crânio de ouro sim, mas ai como ele brilha! Obrigado e adeus minha querida Lucília. Saio daqui feliz apesar da tua birra. Acabas de me dar o maior presente: o crânio de ouro da Sandowane. Serei o governador mais poderoso do mundo!

CENA 2

Intervenientes: Gamazili e Dona Lucília.

Dona Lucília canta e chora, pela noite dentro. Gamazili desperta e resmunga.

GAMAZILI – Deus meu, quando irei descansar de enxugar lágrimas de mulheres? Porque é que a Lucília tinha que chorar a esta hora? O Lukanda e Dulce se casam nesta manhã, numa cerimónia de pompa. E daí?

Sai do quarto e vai ao encontro da Dona Lucília.

GAMAZILI – O que te faz chorar tanto, Lucília?

DONA LUCÍLIA – O Lukanga deixou de amar. Morri eu por dentro e por fora. Sou um cadáver.

GAMAZILI – O amor, ah! Cansei-me de ouvir a mesma cantilena, ah, meu Deus! Sabes o que é o amor, Lucília? Nada. Febre maligna. Gripe passageira. Queres um conselho? Ama-te a ti mesma e esquece o resto.

DONA LUCÍLIA – Estou muito triste, Gamazili!

GAMAZILI – Eu também estou triste e sabes porquê? Porque as mulheres são todas iguais. Pretas ou brancas, portam-se como crianças diante de um aventureiro que se julga homem. Vamos, para de chorar e coloca um pouco de juízo nessa cabeça.

DONA LUCÍLIA – O Lukanda, hoje é alguém, graças ao meu esforço. Dei dinheiro, educação, estatuto. Agora o ingrato me troca por outra. Ele foi e deixou-me de coração vazio.

GAMAZILI – Deste de livre vontade não foi? Então, porque choras? O coração está vazio? Preenche-o com alguma coisa útil e não com esse espinho que te fere.

DONA LUCÍLIA – Dói ser trocada como sapato velho. O Lukanda está tão arrogante, que até fala em expulsar-me daqui e mandar-me de volta para a terra de onde vim.

GAMAILIZI – É o que vamos ver. Quem é o Lukanda para te falar em deportação? Ele que governe a província, porque a partir de agora, quem vai governá-lo, sou eu. Ele vai saber que nesta terra cabe tudo: cobras, lagartos, formigas, pessoas, tudo. Não te vai expulsar não.

DONA LUCÍLIA – Ele tem o poder político. Pode cumprir com a ameaça. Sabes bem que para alguns, governar não é construir, mas fazer é desfazer a vida dos outros, como era no tempo colonial.

GAMAZILI – Deixa comigo. Conheço-o bem, é meu cabritinho. Fui eu quem fez o seu parto. Mudei-lhe as fraldas e lhe suportei as traquinices a vida inteira.

DONA LUCÍLIA – Conversem com calma, senão as coisas pioram. Temo pelos meus filhos.

GAMAZILI – Garanto que ele nunca mais te irá incomodar. Tu vieste de longe para ser nossa. Desafiaste tudo e todos para aqui estar. Vieste trazer nova vida, diversificar a nossa raça. Nós gostamos de viver com toda a gente, que nos ama e nos respeita como tu, e não os colonos que nos humilhavam e exploravam, Lucília.

DONA LUCÍLIA – Sabes qual é a minha verdadeira raça, Gamazili? A minha raça é tudo o que eu amo. São os meus sete filhos, cinco do meu ventre e dois da Nairossi. A extraordinária beleza das montanhas de Songo. O rio Zambeze serpenteando nos vales e montanhas como uma Sandowane universal. O meu paraíso é esta terra onde o ouro brilha no coração de cada pessoa. Não, eu não quero sair daqui.

GAMAZILI – A tua vida foi sempre um jogo perigoso. De dia, a esposa do Joaquim, governador, e de noite esposa do serviçal. Uma vida de mentiras, hipocrisia e disfarces. Uma branca que se adaptou ao mundo dos negros. Desafiaste o racismo colonial e pariste filhos mulatos que nem podias amamentar em liberdade. O Joaquim nunca percebeu nada? Se percebia, como reagia?

DONA LUCÍLIA – Ele percebia, mas fazia de contas que nada via. Um dia disse-me: aprende a lição da sobrevivência. Vive os teus prazeres discretamente e lembra-te sempre: a vida é um jogo de aparências. Depois chorou como uma criança. Ah, meu pobre Joaquim.

GAMAZILI – Chamavam-te viúva-alegre na altura. Não choraste nem uma lágrima pelo Joaquim, no dia do funeral. Por que fizeste isso? Olha que uma viúva deve chorar, mesmo que sejam lágrimas de crocodilo.

DONA LUCÍLIA – Não me sentia viúva. A morte do Joaquim foi a minha libertação. Com a morte dele, comecei a viver uma vida plena sem máscaras. A assumir o marido negro em liberdade e amamentar os meus filhos mulatos sem medo de represálias.

GAMAZILI – És uma grande mulher.

DONA LUCÍLIA – Hoje sinto saudades da Nairossi. Acabei de provar o sabor da dor que ela sentiu ao ser substituída por outra mulher. Gostaria de lhe pedir perdão pelas vaidades do passado. Tens notícias dela?

GAMAZILI – Nenhuma! Desde que ela saiu de casa naquela manhã de neblina.

DONA LUCÍLIA – Nunca procuraram por ela?

GAMAZILI – É difícil, sabes disso. O Songo é feito de mil montanhas e mil cavernas. Como encontrá-la? Acabei consultando adivinhos. Garantem que ela está viva e voltará.

DONA LUCÍLIA – Tenho uma dívida com ela. Fiquei com tudo o que era dela. A casa, a fortuna, o marido e até os dois filhos que são hoje a minha maior alegria.

GAMAZILI – Ela voltará.

DONA LUCÍLIA – De certeza?

GAMAZILI – Absoluta!

DONA LUCÍLIA – Não sei por quê, mas sinto: no leito que era meu, ela jamais dormirá. No homem que é meu, ela jamais tocará. Por todo o mal que me faz, o Lukanda pagará.

GAMAZILI – O que te dá tanta convicção?

DONA LUCÍLIA – O amor vive no coração e o casamento nos papéis e nos olhos da sociedade. Sinto que o Lukanda não encontrará amor maior do que o meu, tal como o Joaquim que não conheceu outro amor igual ao da Nairossi.

CENA 3

Intervenientes: Padre, Dona Lucília e Fernando.

PADRE – Surpreendes-me Lucília. A morte do Joaquim não te abalou. O casamento de Lukanda também não te abala. Não tens sentimentos?

DONA LUCÍLIA – Tinha, senhor padre, mas agora não tenho. Deixa o Lukanda viver a sua nova vida. Deixa-me saborear a minha liberdade.

PADRE – Ah, Lucília, mulher misteriosa!

◆◆◆

FERNANDO – Senhor Padre, meu velho amigo, ajuda-me. Sou um viúvo honesto e preciso de uma companheira. Um homem de bem não pode viver sem a sua costela. Ajuda-me a pedir a mão da Dona Lucília. Se ela aceitar, caso-me com ela, num instante.

PADRE – Tu, casado com a Lucília? Conheço-te. És um caçador de ouro. Maldito sejas, homem. No meu altar, só caso os que se unem por amor e não caçadores de viúvas ricas.

FERNANDO – Ah, senhor padre! Sou um bom homem à busca da vida. Honesto. Trabalhador.

PADRE – Não me meto nisso, não. Só realizo casamentos, não sou cupido. Sirvo a Deus e não a caçadores de viúvas. Não sou cupido. Mas olha, esse teu corpo de touro, olhos azuis e cabelo louro, fazem lembrar o Joaquim, o falecido marido dela. Quem sabe, se por ti se apaixona! Mas vá, vai embora malandro. Vai à guerra e caça o coelho. Que sejas tu a trazer o troféu para eu abençoar...

FERNANDO – E onde a encontro?

PADRE – Por aí. Vai e não me roube mais tempo!

FERNANDO – Até breve, senhor padre. Reze por mim.

Fernando caminha assobiando pelas ruas. Começa a espiar todos os passos da Lucília. Um dia se encontram e conversam.

DONA LUCÍLIA – Porque persegue todos os meus passos, senhor? Olhas-me de longe, quando lavo a roupa nas margens do rio. Observas-me quando eu estou a cantar e a pilar milho com as minhas amigas. Vi-te ontem à noite espreitando pelas janelas da minha casa. Agora estás aqui à minha frente. Quem és tu e o que queres de mim?

FERNANDO – Sou um grande admirador seu. Tenho o coração cheio de amor por si. Permita-me colocar uma questão: como é que uma mulher branca vive a vida como uma negra? Andas sempre descalça, com os cabelos soltos voando ao vento. Porque vives assim?

DONA LUCÍLIA – Ah, cavalheiro! Se soubesses como faz bem andar descalça, sentir a terra a roçar os pés numa massagem que vai até ao fundo do coração. Vamos, experimenta! Por que anda sempre com essas botas?

FERNANDO – O chão está cheio de pedras. Há muitas cobras pelos caminhos!

DONA LUCÍLIA – É o que dizem todos os brancos que acabam de chegar ao Songo.

Dona Lucília coloca uma trouxa à cabeça, e dá uns passos.

FERNANDO – O que é isso? Trouxas à cabeça? Deixa que te ajudo. Onde vais?

DONA LUCÍLIA – Vou pilar milho com as minhas amigas.

FERNANDO – Pilar? Não tens um serviçal para esse trabalho?

DONA LUCÍLIA – Ah, meu senhor! Pilar é um exercício respiratório. Musculação. Pura ginástica aeróbica. Faz bem à saúde e por isso o pratico. Quanto às cargas à cabeça, é outro exercício que corrige a posição da coluna vertebral e do pescoço também. Uma trouxa à cabeça corrige a coluna vertebral e dá um caminhar elegante!

FERNANDO – A senhora me espanta!

DONA LUCÍLIA – Espanta-me também o senhor. Espiar-me como um polícia e não me diz o que quer?

FERNANDO – Perdão. Sou o Fernando, seu apaixonado. A senhora é linda. Gostaria de pedi-la em casamento.

DONA LUCÍLIA – Ah, já adivinhava. Canta-se aos quatro ventos que há uma vaga para marido de uma viúva rica nas terras do Songo, em Cahora Bassa. Diz-se que é uma viúva alegre, divorciada feliz, vivendo nas aldeias como uma negra qualquer. Quem com ela puder casar, terá os problemas financeiros resolvidos para o resto da vida, não é verdade?

FERNANDO – (fingindo surpresa) É rica?

DONA LUCÍLIA – Sou. Tenho dois mil e quinhentos bovinos. Campos cultivados. Aviários sem fim. Barcos de pesca e muito mais.

FERNANDO – Se é poderosa, branca, tão bonita, rica, porque vive como uma pobre qualquer? Casa-te comigo, Dona Lucília, que te levarei de volta ao nosso mundo de civilização. Deixa esta terra perdida no mapa e eu te farei conhecer outros paraísos.

DONA LUCÍLIA – Oh, chegou tão tarde, senhor Fernando. De paixões e amores o meu coração está saciado.

FERNANDO – Dá uma nova chance para um novo amor.

DONA LUCÍLIA – Vamos, diz-me a verdade: o senhor quer a mim ou ao meu dinheiro?

FERNANDO – Eu? Vim por amor e nem sabia da sua riqueza. Seria a mulher ideal para um viúvo como eu.

DONA LUCÍLIA – Podes amar a quem desprezas? Falaste com desdém dos meus pés descalços e da minha maneira de viver. Parece que me condena por viver em harmonia com este povo.

FERNANDO – Não condeno, não. Foi apenas uma sugestão. Casa-te comigo e verás a tua vida florescer outra vez!

DONA LUCÍLIA – Eu? Ocupei já todos os estados civis que a lei permite. Fui solteira. Casada. Viúva. Considero-me divorciada mesmo sem ter casado oficialmente. Tenho sete filhos mulatos.

FERNANDO – Filhos mulatos? Como? Não és viúva de um branco?

DONA LUCÍLIA – É uma história longa que só a mim interessa. De forma resumida: tive dois maridos em simultâneo. Casada com um, com os filhos do outro. Fui esposa de dois governadores. Sou a viúva e divorciada mais feliz do mundo!

FERNANDO – Que interessante! Que curriculum invejável. Que mulher mais maravilhosa! A sua história deixa-me ainda mais apaixonado. Aceita-me como seu marido, companheiro de todos os momentos.

DONA LUCÍLIA – Calma, cavalheiro. Se é o dinheiro que em mim procura, posso arranjar um emprego para si agora, na minha nova fábrica de processamento de peixe. Preciso de um gestor, mas terá que provar a sua competência.

FERNANDO – Ah, Dona Lucília, preciso muito desse emprego. Vou provar que sou trabalhador, competente e um homem de bem.

CENA 4

Intervenientes: Fernando e Padre.

FERNANDO – Perdi a batalha, senhor padre!

PADRE – Em que é que desagradaste a senhora?

FERNANDO – Reagiu mal à minha proposta.

PADRE – Não és o único a quem rejeita. Antes de ti muitos homens brancos colocaram olhares gulosos na fortuna dela.

FERNANDO – Não sabia!

PADRE – De certeza que te espantas com o seu modo de vida. Ela reage mal a esse tipo de comentários porque é aqui que o coração dela mora. Sente-se bem, na humildade e simplicidade.

FERNANDO – Fiz alguns comentários e não foi por mal, senhor padre.

PADRE – O mal do mundo é julgar os outros pela aparência. Aos teus olhos de estrangeiro, este povo é menor. Mas como pode ser menor, se te dá benefícios e oportunidades que a tua terra não dá? Tu vieste para a pátria certa e sairás daqui com fortuna, rapaz. A Lucília recebeu a benção

deste solo. Recebeu o carinho, amor, maternidade, dignidade e hoje é milionária. É ingratidão e imoralidade insultar a generosidade da terra que te dá alimento e sobrevivência.

FERNANDO – Perdoa-me senhor padre. Juro que foi tudo sem querer. Mas também o senhor não me advertiu. Não me aconselhou.

PADRE – Ouve, rapaz, por que haveria eu de te aconselhar? Eu não sou caçador de viúvas ricas. Resolve tu o problema que tens e não me voltes a falar desse assunto.

FERNANDO – Peço encarecidamente que me ajude a corrigir o meu erro. Pede à Lucília que me perdoe, por favor, faz isso por mim.

PADRE – Nem penses! Que pena! És um homem fraco, que se deixa derrubar no primeiro combate.

FERNANDO – Perdi uma noiva, mas ganhei um emprego que tanto precisava.

PADRE – Terás emprego e sossego nesta terra dos negros. É aqui onde a tua alma deve morar.

Mas és um homem fraco que se contenta com muito pouco. Um emprego é bom, mas ter uma esposa como a Lucília é bem melhor. Ela é verdadeiramente humana e pertence a todos os lugares e todas as raças!

FERNANDO – Acha que devo voltar a abordá-la?

PADRE – Não acho nada, seu fraco! A Dona Lucília é meio endiabrada, mas tem nobreza na alma. Vamos, tira do coração essas marcas de racismo, vai à guerra e vence o combate. Olha, há muito tempo que não celebro um casamento no altar da nossa santa madre igreja! Vai-te embora, vai!...

CENA 5

Intervenientes: Gamazili, Dona Lucília e Padre.

Gamazili, Dona Lucília e o Padre se encontram.

GAMAZILI – O casamento correu às mil maravilhas, mas ai!...o Lukanda foi mordido por um escorpião, na noite de núpcias.

DONA LUCÍLIA – Também? O que me dizes tu? Vamos, conta-me tudo, mulher…

GAMAZILI – No final da festa ele vestiu os calções e sentou-se na relva daquele belo jardim com o copo de vinho na mão. De repente deu um grito. Era o escorpião a morder-lhe o testículo. O médico demorou a chegar e tive que socorrer o homem com aquelas ervas que já conheces.

DONA LUCÍLIA – As que salvaram o Joaquim?

GAMAZILI – Sim, as mesmas. Ah, mas que sina a minha! Tornei-me especialista em massajar os testículos de governadores recém-casados, mordidos por escorpiões.

PADRE – Dobra essa língua quando fala dessas coisas, ai minha nossa senhora, que linguagem mais suja, Gamazili.

GAMAZILI – Perdoa-me padre, mas não vejo outra maneira de explicar.

PADRE – Está bem, conta essa história de uma vez que eu quero saber.

DONA LUCÍLIA – E como está o Lukanda, agora?

GAMAZILI – Ah, era uma vez um homem. O escorpião comeu-lhe a virilidade. Anda triste e silencioso como um boi castrado.

DONA LUCÍLIA – E a Dulce? Como está ela a reagir a tudo isso?

GAMAZILI – Depois do incidente ficou completamente desvairada. Só queria água fresca para apagar o fogo do corpo. Arrastou o seu vestido de noiva até à cozinha. De manhã encontrei-a no quarto dos fundos abraçada ao Silveira, o branco português, cozinheiro do hotel, que veio para servir a boda. Foi um espetáculo terrível: vestido de noiva no chão, lençóis brancos cobertos de sangue.

PADRE – A virgindade da noiva do governador negro, possuída pelo serviçal branco… valha-me Deus! Que triste história!

GAMAZILI – O pior é o que está para vir. Ela está grávida.

DONA LUCÍLIA – Do Lukanda?

GAMAZILI – Não. O Lukanda só dorme e de noite suspira por ti, Lucília. Está grávida do branco.

DONA LUCÍLIA – E terá filhos mulatos, ai meu Deus, a história se repete.

GAMAZILI – Deve ser a vingança da Sandowane.

PADRE - Não gosto nada dessa Sandowane que me faz lembrar a serpente do paraíso. A mordedura de escorpião é castigo merecido a esses maridos ambiciosos e fornicadores, ai…mas que é maldição, é!

GAMAZILI – Maldição mesmo, senhor padre. A sandowane dá poder e dinheiro, mas come a virilidade dos homens. De que vale ter poder e dinheiro se o homem não pode saborear com a sua esposa, os prazeres do leito? A maldição. Para mim a morte do patrão Joaquim é o sinal do rasto de sangue, e, pelos vistos, promete se alastrar…

PADRE – Essa Sandowane, realidade ou mito, devia voltar ao inferno de onde nunca devia ter saído.

GAMAZILI – O Joaquim que tudo teve agora está morto e nada governa. Pelo que parece, o Lukanda vai ter a mesma sorte. O Silveira, o cozinheiro português também. Será que não podemos quebrar este ciclo?

DONA LUCÍLIA – Porque não se devolve então, a Sandowane às suas origens?

PADRE – É possível devolver um mito? E o que vão devolver? Uma serpente, um rato ou uma cabra, tudo com cabeça de mulher? Ou esse tal crânio de ouro que dizem existir? E vão devolver para onde?

GAMAZILI – Deve existir algum lugar, padre. A esses animais não será fácil devolver, mas ao crânio de ouro sim.

PADRE – O ser humano é mesmo estranho. Deixa a realidade que lhe circunda para acreditar nos mitos que ele cria.

GAMAZILI – Tem razão, senhor padre. Os segredos dos deuses, aos deuses pertencem. Os segredos dos mitos aos mitos pertencem. Mas Sandowane não é nenhum mito. É a secreta realidade que deve ser devolvida ao mundo dos segredos.

PADRE – Tudo bem. Então devolvam, mas não vos acompanho nessa viagem.

DONA LUCÍLIA – E onde anda a Nairossi, para nos mostrar o caminho?

último acto

Nairosse, Dona Lucília e Dulce, se encontram no último acto. Dialogam.

DONA LUCÍLIA – Olá, Nairossi! Estás viva ou estás morta? Onde andaste todo este tempo? Deixa-me tocar-te para ter a certeza de que não estou a falar com uma fantasma!

NAIROSSE – Não existo não, que morri muito antes de nascer. (abraçam-se)

DONA LUCÍLIA – (tocando nela) Estás viva e tão bonita!

NAIROSSI – Vês? Corpo eu tenho. Ossos também. Mas não sou a mesma, sou outra. Sou a Sandowane mãe, a deusa do ouro e da fortuna. Sou o rio Zambeze inteiro, desde Liuwa, na Zâmbia onde eu nasço, e serpenteio por vários países, até conhecer a foz nos mares do Índico. Sou metade mulher, metade serpente. Coloquei nas mãos de um homem os segredos dos deuses. Alimentei a ambição de um colono e causei a destruição de um povo. Violei o segredo da terra por querer segurar as estrelas no alto dos céus com as mãos em terra. Fui punida com dor e sofrimento e coloquei um rasto de sangue em todos os meus passos. Sou a Sandowane dos rios de águas profundas, deusa das montanhas de Songo, residente nas densas florestas da nossa terra. Sou uma simples mulher penteando os cabelos ao vento nas margens de qualquer rio.

DONA LUCÍLIA – Sou a Sandowane filha, princesa do ouro e da fortuna. Sou filha do mar, onde serpenteei desde Portugal onde eu nasci, até conhecer a foz nas montanhas de Songo. Sou metade mulher, metade cabra. Vim de longe com fome de amor, de pão e de fortuna. Usurpei aquilo que não me pertence e cai como um rato, num rasto de sangue.

DULCE – Sou a Sandowane herdeira, sentada no trono da maldição e fantasia. Sou filha dos montes e dos densos matagais. Sou muito pequenina, metade rato, metade mulher. Usurpei o leito de outra mulher. Fui punida com uma vida de fugas e aparências. Como um rato vivo saltitando de um buraco para outro. De dia uma vida, de noite outra. Esposa de um, parindo filhos do outro. O Silveira, meu concubino branco, deu-me três gémeos no primeiro parto. Dois no segundo. Agora estou grávida e não sei o que virá. Sou manhosa, mordo e sopro como um rato. Sou mesmo uma cabra contra aquele que ousar cruzar o meu caminho. Circulo nos corredores do poder como uma serpente, e ninguém me toca. A minha vida alimenta os mexericos do mundo.

NAIROSSI – Vivemos num mundo de injustiças, dividido em raças, classes e castas. Num mundo onde os fortes asfixiam os fracos e os poderosos definem quem deve ser amado e como. Nós mulheres somos gestoras da vida e não promovemos guerras. Para escapar da injustiça, mulheres, lutemos com todas as forças que Deus nos deu. Enfrentemos a guerra com as mãos nuas. Sejamos todas sandowanes.

TODAS – Somos todas sandowanes! Nós mulheres somos atiradas aos subterrâneos do mundo. Tal como as serpentes, cabras ou ratos, resistimos. Sobrevivemos na aridez do deserto. Nas águas poluídas dos rios e dos pântanos. Nas florestas medonhas. Velamos pela existência, poderosas guardiãs da vida. Diante da injustiça, a inteligência e a astúcia nos salvam.

DULCE – Nós mulheres, conhecemos as leis da sedução e do encantamento. As leis das trevas e da luz. Somos ratos roendo as teias do mundo, para ter um espaço de ar e luz. Por que é que

damos tudo sem pensarmos em nós mesmas? Por que que damos o nosso sangue a outro ser, sem guardar um pouco para nós mesmas? Por que damos a vida a todos e esquecemos a vida para nós mesmas?

DONA LUCÍLIA – Por causa das injustiças somos forçadas a agir silenciosamente como as serpentes. Mordemos com astúcia. Assustamos. Corrigimos. Punimos severamente a quem quer roubar as nossas almas. Protegemos o mundo dos predadores da vida.

NAIROSSI – Com as cinzas das nossas lágrimas, vamos construir alicerces de uma vida nova, sem dor nem rasto de sangue. Voemos para a liberdade com as asas das nossas almas. Nós dominamos os segredos do chão e da criação enquanto os poderosos querem dominar os intangíveis segredos das estrelas.

gráfica e editora
CAULE DE PAPIRO®

Composto na
CAULE DE PAPIRO GRÁFICA E EDITORA
Rua Serra do Mel, 7989, Cidade Satélite
Pitimbu | Natal/RN | (84) 3218 4626

cauledepapiro.com.br

UFRN
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

Coleção Griots

editora CAULE DE PAPIRO®

ISBN 978-65-5477-020-0